

# Faça a escolha certa

Sempre que entra uma renda extra, sobra um dinheirinho ou se planeja o futuro, surge a mesma dúvida: como poupar e fazer o dinheiro render? Para aqueles investidores com perfil mais conservador, que querem passar longe dos riscos do mercado, as opções de investimento englobam os fundos DI, alguns fundos de renda fixa mais conservadores e a caderneta de poupança.

Nos últimos meses, no entanto, as notícias da economia brasileira têm destacado que a atual taxa básica de juros (Selic), de 8,75% ao ano, aproxima o rendimento dos fundos DI ao da tradicional caderneta de poupança. O governo chegou a cogitar a opção de tributar a poupança para os investimentos que tivessem aplicações acima de R\$ 50 mil, mas desistiu definitivamente do projeto. Isso porque não houve migração dos recursos aplicados em fundos de investimento para a caderneta.

O investidor fez as contas, e muitos concluíram que a migração não era um bom negócio. O primeiro motivo é que o fundo DI não tem como meta obter a rentabilidade igual à taxa de juros. “Os gestores dos fundos têm como meta conseguir uma rentabilidade acima da taxa de juros. Isso garante que ele vai sempre buscar as melhores opções de títulos para a carteira das suas aplicações”, afirma o consultor CFP® Syllas Ramos, diretor do Instituto Brasileiro de Certificação de Profissionais Financeiros.

A comparação entre os ganhos dos fundos DI e da caderneta de poupança não é tão simples. É preciso comparar o rendimento real do fundo (que, na maioria das vezes, não coincide diretamente com a taxa de juros), o período que o dinheiro ficará aplicado, os objetivos do investimento e outras variáveis. Além disso, é fundamental considerar que há uma perspectiva de alta da taxa de juros da economia no próximo ano.

Se os juros da economia subirem e chegarem, por exemplo, a 10,75% ao ano, vários fundos superariam de longe o rendimento da caderneta de poupança. Vamos considerar que um fundo DI tenha rendimento igual a Selic, juros de 10,75% - fato bem improvável. Todos aqueles que cobram taxa de administração de até 3% terão ganhos superiores ao da poupança nos mais diversos prazos de aplicação. Esta é só uma ilustração da complexidade da comparação entre os dois tipos de investimento.

O investidor que tem recursos aplicados em fundos precisa ter ainda mais atenção quando cogitar uma transferência para a caderneta de poupança. Vale ter em mente que a tributação dos fundos reduz conforme o prazo da aplicação. Além disso, aqueles que se arrependerem e quiserem voltar para a aplicação de fundo terão que começar a contar o prazo da alíquota do imposto de renda novamente para sacar o recurso pagando menos imposto.

Na hora de tomar a decisão de trocar de aplicação, também é preciso pesar as comodidades das aplicações em fundos de investimento. Uma das principais é a possibilidade de resgatar o dinheiro a qualquer momento, levando junto a

rentabilidade acumulada até aquele dia, o que é conhecido como liquidez diária. Você saca a qualquer momento e não perde os ganhos passados. Na caderneta de poupança, você precisa esperar a chamada data de aniversário em cada mês para sacar os recursos incluindo os rendimentos obtidos.

A concorrência entre os fundos DI oferecidos pelas várias instituições financeiras também têm resultados positivos para o investidor. As taxas de administração estão se reduzindo. “A competitividade é favorável ao cliente e faz com que todo e qualquer gestor procure sempre novas oportunidades”.

Se o investidor tem tolerância ao risco, um longo prazo para o investimento também pode aumentar as chances de ampliar os rendimentos com outras opções de produtos da indústria de fundos. Entre os tipos de fundos, é possível fazer aplicações desde as mais conservadoras até as mais arrojadas, com chances de lucros maiores, porém assumindo maiores riscos. “O importante é estar bastante atento para fazer as melhores escolhas de investimento, valorizar o seu dinheiro e pesquisar sempre”, ensina.

Entre as opções há, por exemplo, fundos Multimercados que permitem aplicações em uma cesta variada de ativos. Nesse, e em praticamente todos os casos, na visão de Ramos, buscar gestores de confiança e conhecer as políticas de investimento dos fundos são medidas fundamentais para se fazer uma boa aplicação. “Uma vez que o cliente conhece exatamente o produto e os riscos existentes, ele pode assumir escolhas mais arriscadas e que rendam mais”, diz.

A questão do risco das operações, adverte o diretor, deve ser bem informada pela instituição, mas é o cliente que tem que optar pelo que lhe convém. “É possível escolher fundos de baixo ou médio risco que podem ter rentabilidade melhor que outros investimentos”.

Há ainda o investimento em fundos de ações. Neste caso, a escolha deve levar em conta o perfil do investidor e suas perspectivas de médio e longo prazo. “Jovens investidores podem arriscar mais, pois terão ainda muito tempo para produzir. Já investidores mais maduros tendem a ser mais conservadores”, avalia Ramos.

Mais uma vez, o papel do gestor é de suma importância, pois os clientes não costumam acompanhar o mercado de forma intensa. “Os gestores que trabalham com ações também são muito ativos, o que é uma excelente opção”.

Com uma gama imensa de possibilidades, o melhor a fazer na hora de destinar seu dinheiro extra para garantir um futuro mais tranquilo é buscar o produto que mais se encaixa em seu perfil e seu bolso.